



Ao longo dos vários séculos de apropriação do espaço por parte do homem, o Alto Paiva manteve algumas das suas características mais marcantes. A sua orografia e recursos naturais, impuseram às gerações e gerações de camponeses e pastores uma vida dura e marcaram a paisagem qual bastião fronteiriço.

Depois dos anos de trabalho que dedicámos a esta área geográfica, levantámos neste texto mais problemas do que aqueles aos quais conseguimos responder. Porventura teremos levado algumas hipóteses explicativas ao seu limite, apesar do nosso espírito céptico.

Ficámos com uma imensa sensação de insatisfação e vontade de retomar este trabalho do zero, voltando ao campo com as novas perguntas que nos surgiram. Pensamos que muitas das questões levantadas apenas poderão encontrar confirmação/infirmiação através de escavações arqueológicas.

O mundo rural necessita de mais atenção e é urgente que se estabeleçam quadros regionais e micro-regionais para os tipos de povoamento. É premente que se definam os matizes da ocupação romana, o seu impacto na sociedade preexistente, o seu desenvolvimento no Alto Império e a riqueza do mundo tardo-antigo que tende a ser encarado apenas como decadência. O estabelecimento da ocupação do espaço nestes períodos é essencial para que se consiga perceber o período suevo-visigótico, mergulhado em questões que ficarão sem resposta até que se proceda à investigação através de prospecções sistemáticas e escavações arqueológicas e se estudem os materiais dessa época que hoje tanto nos confundem. O provável crescimento que se deu a partir do século VIII — com suas arritmias ligadas à instabilidade da zona de fronteira — tem que ser encontrado no registo arqueológico para que se possa compreender melhor o seu processo de eventuais avanços e recuos. É necessário estudar a cobertura vegetal através de recolhas paleo-ambientais sistemáticas em escavações para que se possa compreender o impacto do homem sobre o meio e para que se possam detectar eventuais introduções de novas culturas e práticas agrícolas. A colonização que aparentemente terá ocorrido, como indicia a toponímia, deixou marcas na paisagem e na cultura material? A Reconquista terá obrigado a população do Alto Paiva a recuar ao sabor da fronteira, ou será que, pelas suas características morfológicas, se mantinha ocupada como uma área de refúgio? Para conhecer o processo de formação do mundo das aldeias e sua perda de autonomia às mãos da nobreza feudal é premente que se conheça a sua fisionomia e se determine a sua origem. Provavelmente foram vários os tipos de povoamento que desembocaram na morfologia aldeã, mas só através da escavação de antigas aldeias se poderá compreender a complexidade que hoje conseguimos apenas aflorar.

Esperamos vir a contribuir, ainda que modestamente, vista a magnitude das questões que se colocam, para o avanço do conhecimento sobre os períodos de transição que tanto nos fascinam e que constantemente nos lançam novos desafios.